

**"É SÓ OLHAR E VER": EXPERIÊNCIAS LGBTQI+ NO MOVIMENTO
TRADICIONALISTA GAÚCHO**
LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹ Universidade Federal de Pelotas – luizjuniorbio@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado ao projeto de extensão Mapeando a Noite: O universo travesti que trata-se de um dos três projetos de extensão que compõem o projeto de pesquisa Margens: Grupos em processo de exclusão e suas diferentes formas de habitar pelotas, ligados ao Grupo de estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), do Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

A proposta aqui é refletir sobre as vivências de pessoas LGBTQI+ dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). As tradições gaúchas foram criadas a partir de uma visão extremamente patrilinear, feita por homens, brancos, da elite, que buscavam ressaltar os elementos que consideravam “tradições gaúchas” pois entendiam que estas estavam se perdendo com o passar do tempo. Essa narrativa foi construída a partir de elementos do passado e do cotidiano das comunidades da campanha, sempre carregada de uma perspectiva machista e preconceituosa, que entende que o homem heterossexual é o centro, o detentor do saber e da verdade, o herói, o senhor da estância, o guerreiro. Segue trecho de uma toada que representa esta narrativa: “Que surja então esse herói nativo, Pra dar um basta no poder caruncho, E deixar claro no seu porte altivo, Que o Rio Grande ainda é dos gaúchos!” Esta figura criada sobre o homem gaúcho sempre está em destaque nos livros didáticos e nos materiais e narrativas fundadoras do MTG dentro do Centros de Tradições Gaúchas (CTG), reforçando a importância do homem no contexto das tradições e da formação do estado.

Cabe destacar que esta narrativa é reforçada nas provas aplicadas em concursos de para prendas e peões dos CTGs, nos monumentos, na seleção dos heróis do estado, nas narrativas sobre a Revolução Farroupilha, sempre o homem está em destaque, invisibilizando a contribuição das mulheres, sendo estas narradas como donas da casa, mães, esposas e filhas. Ressalto a letra da música “Ajoelha e chora” de Tchê Garotos, conhecida dentro dos CTGs: “Quanto mais eu passo o laço/ Muito mais ela me adora/ Mas o efeito do remédio que eu dei/ Foi melhor do que pensei/ Ela faz o que eu quiser/ Lava roupa, lava prato”. Estas narrativas invisibilizam a importância que a mulher teve para a construção do estado, seu protagonismo na administração das estâncias, dos negócios e do lar enquanto os homens estavam em guerra, sem contar na gama de mulheres que participaram dos frentes da revolução. Nas narrativas a mulher sempre é lembrada como subordinada ao homem. Nos CTGs, a mulher está ligada à cozinha e ao cuidado com as crianças, enquanto o homem está no salão principal. Assim como a mulher, as pessoas LGBTQI+ estão presentes dentro do movimento tradicionalista, mas sempre “escondidos” dentro desse papel de homem gaúcho, macho ou de mulher submissa. Vivendo um personagem com o qual não concordavam, mas era exigido para que se pudesse frequentar e “cultuar” as tradições.

Entendemos o tradicionalismo enquanto uma comunidade imaginada no sentido proposto por Andersen (2008), sendo os CTGs os espaços para a preservação e manutenção das tradições. Porém, também compreendemos as tradições a partir do conceito antropológico de cultura (Wagner, 2010), sendo esta fluida, em

constante transformação, o que, inclusive, garante sua continuidade. Na última década, as mulheres começaram a ser reconhecidas e valorizadas pelo movimento, passando a assumir cargos que antes eram específicos dos homens, como Patroas de CTGs, conselheiras do MTG, passaram a dar nome aos CTGs, etc. Assim como as mulheres, LGBTQI+s começaram a ocupar seus espaços dentro do movimento, notamos tanto um aumento de pessoas LGBTQI+, como o abandono daqueles personagens antes necessários para sua manutenção no movimento.

Estas transformações podem ser evidenciadas a partir de alguns estudos de caso. O MTG, recentemente, reconheceu uma mulher trans como prenda. Trata-se de um fato importante para a luta contra a LGBTfobia dentro do MTG. Este reconhecimento gerou grandes conflitos. Muitas pessoas e lideranças apoiaram o reconhecimento mas, ao mesmo tempo, muitos comentários ofensivos e preconceituosos referente à prenda foram evidenciados neste processo.

Assim, esse trabalho será direcionado à compreensão destas transformações dentro do do MTG, a partir de narrativas de pessoas LGBTQI+ sobre suas vivências em CTGs. Narrativas essas, sobre a aceitação, sobre ofensas, sobre conquistas, alegrias, enfim, experiências que representam trajetórias de vida junto ao tradicionalismo gaúcho.

2. METODOLOGIA

As pesquisas do projeto Margens e as ações dos projetos de extensão são pensadas a partir de abordagens participativas e multidisciplinares. Porém, a base para a pesquisa antropológica é a etnografia. Para este trabalho me pauto na proposta de Magnani (2006) sobre etnografar a partir de um olhar *de perto e de dentro*, em especial por considerar minha vivência enquanto homem gay e tradicionalista. Neste sentido:

a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”

E é nesse emaranhado marcas e narrativas que construo este trabalho, a partir de minha experiência olho e reflito sobre as vivências de Vinicius Camargo e Gabriella Meindrad. Vinicius é músico (gaiteiro) e atua em diferentes CTGs no Rio Grande do Sul e Gabriella é estudante de direito e foi homenageada como a Primeira Mulher Trans Prenda de CTG.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optei por realizar meu campo antropológico a partir de conversas informais, solicitando que ambos relatassem suas experiências dentro do tradicionalismo. Primeiramente apresento o relato de Vinicius, que iniciou sua trajetória em Canguçu, sua cidade natal, em 1999. Nesta época, como dançarino do CTG Joaquim Paulo de Freitas. Em 2001, ingressou no grupo adulto do CTG Tropeiros da Amizade como dançarino, também na cidade de Canguçu. Ali fez seus maiores amigos, alguns dos quais convive até hoje. Vem de uma família de músicos e foi sempre estimulado a cantar e tocar, colocado em aulas de piano aos 8 anos de idade, porém nunca pensou que isso se prolongaria e se tornaria uma profissão. Começou como gaiteiro e cantor do grupo em que dançava junto com seu irmão e, em 2006, se mudaram para Pelotas começando a tocar em

CTGs maiores como Thomaz Luiz Osório e União Gaúcha. Ele relata que naquele momento ainda tinha muito receio de expor sua orientação sexual e sofrer preconceito. No ano de 2008, conheceu um grande companheiro que esteve ao meu lado nos seis anos seguintes e o ajudou muito processo de aceitação da sua orientação sexual e, conseqüente, exposição junto ao movimento tradicionalista gaúcho. “Nunca permiti que faltassem com o respeito em relação a mim ou meu relacionamento, embora soubesse e percebesse as brincadeiras de alguns dançarinos e colegas músicos”. (caderno de campo, 2019) Segundo ele, ao contrário do que imaginava, a exceção foram os preconceituosos e o apoio foi incondicional em todas as entidades para as quais prestou e presta serviços musicais, especialmente o CTG Carreiros do Sul, entidade que se tornou sua casa em Pelotas.

Fico muito feliz de ver que, embora ainda tenhamos muito a conquistar neste meio controverso e conservador, as conquistas estão acontecendo e é nosso dever exigir o respeito que merecemos dentro do nosso movimento tradicionalista gaúcho. (caderno de campo, 2019)

Já a vivência de Gabriella é diferente, em especial, por ela ter feito a transição, e quebrar aquelas categorias de gênero tão reforçadas no discurso tradicionalista. Sua vivência no movimento iniciou no ano de 1993, quando participou pela primeira vez da Semana Farroupilha, conhecendo o CTG Canela da Fronteira de sua cidade natal, São Vicente do Sul. Nos anos seguintes foi atuante no Movimento tradicionalista onde obteve várias vitórias em concursos internos e externos. No ano 2000, a 10ª Região Tradicionalista se organizava para a volta do Entrevero Cultural de Peões foi quando conquistou o título de Guri Farroupilha do CTG Canela da Fronteira, sendo o primeiro Peão da história da entidade.

Ela destaca que sua mãe sempre esteve muito próxima deste mundo do tradicionalismo, como costureira, fazia inúmeros vestidos de prenda. Aos seis anos já se sentia diferente dos demais meninos da turma, pois todas as brincadeiras de meninos não a chamavam atenção, adorava as brincadeiras de roda e uma boneca de lata que produziu em sala de aula.

Tudo que era do universo feminino me chamava atenção, e por estar sempre próxima as costuras da minha mãe, adorava fazer roupas, a usar um pala como saia, a encher o cabelo de prendedores, e mesmo sendo reprimida, aquilo era o meu mundo de fantasias, aquela era eu na minha essência. (caderno de campo, 2019)

Em 2005, estava me preparando para concorrer novamente no Entrevero Regional da 10ª Região Tradicionalista mas, por motivos pessoais desistiu e, assim, encerrava suas participações em concursos. Ainda continuou participando do movimento até o ano de 2007. Os anos seguintes, foram de uma participação mais distante, mudou de cidade, assumiu a responsabilidade de ter que trabalhar e, com isso, a necessidade de expressar sua “real identidade de gênero”.

Em 2008, participou do Miss Beleza Gay Santa Maria, quando conquistou o título de Vice Miss. “A primeira vez que vesti uma roupa feminina, foi o encontro do meu exterior com meu interior, foi encontrar com eu mesma, foi de reconhecimento, foi de emoção.” Em 2011, começou o processo de hormonização e adequação física, nos anos seguintes, participou de inúmeros concursos de Miss, recebendo vários títulos como Beleza Turismo Rio Grande do Sul, Miss Beleza Sul, Rainha do Carnaval de Santa Maria, entre tantos. Para Gabriella todos estes títulos se deram pois havia sido preparada nos anos de vivência tradicionalista “que me proporcionavam a boa oratória, postura e valores necessários para a participação destes concursos.”

Em 2016, sentiu a necessidade de entrar em contato com o movimento questionando o posicionamento sobre a participação de transexuais no tradicionalismo. Sem obter respostas, em 2017, resolveu entrar novamente em contato, recebendo uma resposta do Departamento Jurídico, “não para que eu voltasse imediatamente a participar do movimento, mas para que eu pudesse relatar nas minhas vivências”.

Em 2019, em razão da celebração dos 50 anos de ciranda, a 10ª Região Tradicionalista, resolveu homenagear Peões e Prendas que fizeram parte da história da região durante todos estes anos. O diretor cultural fez o convite para que ela recebesse esta homenagem do Movimento. “Fiquei um tanto receosa em aceitar o convite, tanto que não fiz o aceite de forma imediata.” Ela ainda relata que

Incrível escolher a cor do vestido que seria feito para ocasião, ajustar os mínimos detalhes, fazer como eu gostaria que fosse feito, receber o carinho da minha mãe que deu tanta importância quanto eu para este momento, afinal, ela estaria junto para compartilhar (caderno de campo, 2019)

Em 29 de junho recebeu a homenagem

vestir meu primeiro vestido de prenda, um somente meu, dos sonhos, aquele sentimento de prenda quando esta debutando, enfim, foi mágico e inesquecível compartilhar junto com mais 56 pessoas a felicidade de ter o reconhecimento por tudo que representamos para nossa região, e para mim, ser chamada na homenagem juntamente com as demais prendas que fizeram parte destes tantos anos de Cirandas, eterno. Pois, toda a luta, afirmação, empoderamento, ali se concretizava, por ser uma das mulheres nestes 70 anos de Movimento. (caderno de campo, 2019)

Após a homenagem recebeu uma mensagem de Alberto Barreto Goerch, que rapidamente viralizou, e então, “caia a ficha, de que aquele momento não seria apenas inesquecível, mas também, histórico”. Pela primeira vez o MTG através da 10ª RT reconheceu uma transexual como prenda.

A intolerância, o discurso de ódio, as ameaças também fizeram parte deste momento, ataques contra a entidade, pessoas que estavam presentes no evento, sua família sofreram ameaças “enfim, tudo tem o bônus e o ônus, as campanhas ali geradas de um #tradicionalismosemhomofobia, de carinho, respeito e de todos os valores que falaram mais alto neste momento”. Para Gabriella tudo é resultado de uma “luta pela vida, pela conquista e manutenção de direitos, por quebrar paradigmas, rótulos”. Ela espera ser um exemplo para tantas pessoas que não se sentem representadas e que se afastaram do movimento.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho me foi transformador. A cada palavra aqui escrita repensei minhas vivências e participação no Movimento. Com o passar do tempo, o movimento tradicionalista vem se transformando, aos poucos, vem mostrando iniciativas de inclusão da comunidade LGBTQI+, inclusive em lugares considerados tabus dentro dos CTGs. Como minha interlocutora e interlocutor frisaram em suas falas, estamos aos poucos buscando a igualdade de raça e gênero, antes impensáveis dentro desses espaços considerados tão opressores para a comunidade LGBTQI+.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, B. Censo, mapa, museu. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 226-255, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor et al. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. 2006.
- WAGNER, Roy. A invenção da Cultura. São Paulo, Cosac Naify, 2010.